

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
OS MARES DA EUROPA
3 de maio de 2021

BALAOU / 2007

Um filme de Gonçalo Tocha

Realização, Escrita, Imagem, Montagem, Som: Gonçalo Tocha / *Banda Sonora:* Dídio Pestana / *Pós-produção Vídeo e Assistência na Montagem:* Catherine Villeret / *Grafismo e Animação:* Sérgio Bernardo / *Mistura de Som:* André Neto, João Santos / *Participações:* Florence Beaufrère, Hubert Gidon (Beru), Yum, Gonçalo Tocha, Maria do Rosário Gouveia Filipe, Maria Ilda Cardoso, João Cardoso, Isabel Fonseca, Rita Gonçalves, Joana Alves, Paulo Melo (Joca), Luísa Filipe, Lena Filipe, Margarida Filipe, Julieta Matos / *Cópia:* Ficheiro, a cores, falado em português e em francês, com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português / *Duração:* 77 minutos / *Estreia Mundial:* 21 de fevereiro de 2007, Cinemateca Portuguesa.

Balaou é apresentado com **Les hommes de la baleine**, de Mario Ruspoli (“folha” distribuída em separado).

Depois da morte da mãe, Gonçalo Tocha queria desapegar-se. E desapegou-se da terra, partiu sem hesitar quando foi convidado pelo casal francês Florence e Hubert, mais conhecido como Beru, para embarcar no seu barco à vela, o Balaou. No alto-mar, numa viagem cheia de turbulência, entre São Miguel e Lisboa (destino esperado, mas não certo), Tocha enfrentou o luto, como quem combate uma doença (da alma) com outra doença (do corpo): o enjoo marítimo, um mal-estar que o filme transporta consigo e sabe como nos induzir. Esta não é uma viagem para desanuviar ou espairecer e também não é, como diz o realizador, uma fuga, mas um afastamento. Lembrei-me de uma observação de Jean Rouch, num dos seus filmes passados em África, a obra-prima **La chasse au lion à l'arc** (1966). A dado momento, a câmara-corpo de Rouch acompanha a morte de um leão na savana. Se a memória não me atraiçoa, o narrador diz qualquer coisa como: “e depois ele vomitou e morreu”. Vomitou a vida, esse veneno, livrou-se do que restava dela e caiu.

A mãe e os seus últimos momentos são lembrados, e encarados, francamente – o monólogo interior de Tocha extravasa numa *voz-over* intimista, cheia de hesitações e falhas, que é como um grão intenso, rumor de vida que atravessa e enforma as imagens “pobres” do vídeo. Conta o realizador-viajante que, nos últimos dias, sua mãe descrevia a doença da seguinte forma: era como “uma moinha” de que esta não se conseguia livrar. Narra Tocha, sobre a imagem invertida do mar que balança e balança: “Lembro-me que tu falavas de uma agonia constante, de uma moinha sempre a trabalhar, tinhas necessidade de deitar fora, mas nunca saía o suficiente”.

A purga mental, psicológica e tão intensamente física por que passa Tocha aparece, deste modo, como a única cura possível. Como dobrar esse “cabo das tormentas” que é a morte de uma mãe? Também em terra, a dor se equipara ao enjoo marítimo: como contou Tocha, na Folha de apresentação do filme na Cinemateca Portuguesa, no mês de fevereiro de 2007: “Por vezes, quando estou à mesa da cozinha, ou a lavar os dentes, ou pronto na cama para dormir, vem-me um pânico horrível. Percebo que a minha mãe, fisicamente, está morta. Entro de novo na doença, na degradação física, e fico doente, revoltado também.” Agora leia-se o que narra o mesmo Tocha, sete meses depois, a bordo do Balaou de Beru e Florence: “Estou mareado. / Os músculos contraídos, um arrepiro frio da garganta até ao fim do estômago. É típico. / Beru diz que irá passar. / É só uma questão de tempo. / Mas nos últimos três dias

o estômago deixou de funcionar.” Um mal-estar físico combatendo outro – o luto dá trabalho, é preciso desligar o corpo e a mente, reiniciar, fazer *reboot*, expulsar o veneno das ausências irreparáveis. Como fez o leão de Rouch, mas sem cair no fim.

Balaou é uma cura sob a forma de provação, física e mental, em que se canta o respeito pela Natureza, em que fica patente que o mar é, como o disse Heráclito, “tão puro quanto contaminado, salubre e bom refúgio para os peixes, impotável e mortal para o homem”. O realizador irá, em certa medida, “reconciliar-se” com a imagem mais romântica do mar num filme sobre os pescadores e, sobretudo, as “pescadeiras” de Vila-Chã. **A Mãe e o Mar** (2013) termina, inclusivamente, com um diálogo imaginário desenrolado entre um pescador e o seu amado mar, que lhe foi infinitamente generoso a dar sustento ao corpo e à alma.

Tocha escreveu, na dita Folha de apresentação, que “o mar tem várias caras”. Sem excesso de ambição, ainda que atingindo profundezas raras, **Balaou** mostra as várias faces deste belo monstro azul, para quem a nossa presença tem de ser conquistada, nomeadamente com uma náusea que pode levar à loucura. Neste sentido, é impressionante o que Beru, esse experiente navegador, conta sobre “a praxe” que o mar impõe ao corpo para nos aceitar como hóspedes. Dirigindo-se diretamente à câmara de Tocha, nota o seguinte: “Só depois de muito tempo é que deixei de enjoar. (...) Mas depois quando passa, ficas contente. Consegues aproveitar um pouco... quando passa já não te sentes mal” – até aqui, as palavras de Beru parecem referir-se tanto ao enjoo marítimo de que sofre Tocha quanto à dor que este ainda não expulsou, a do luto pela morte física da mãe.

Balaou é uma das preciosas obras do cinema português – o magnífico **E Agora? Lembra-me** (2013), de Joaquim Pinto, seguiu-se-lhe, mas em terra, junto da vegetação, dos animais e da besta da sida – que nos faz enfrentar a morte e fá-lo sem adornos, de maneira franca, corajosa, generosa, discretamente inventiva do ponto de vista formal (imagens frágeis, vulneráveis, ternas, misturam-se sem brado, experimentando-se aqui um modo diarístico de contar uma história próximo de Jonas Mekas ou David Perlov). Eis um filme que nos faz vogar, ziguezaguear, como o barco de Beru, no mar do íntimo, infinitamente ferido, que tenta interiorizar uma partida sem regresso, pelo menos na Terra.

Luís Mendonça